



A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA-CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Editor — Ismael Pimentel
Proprietário e Director — H. Marques
Tip. R. Poço dos Negros, 81
Redacção e Administração
CAIXA DO SODRÉ, 88
LISBOA — PORTUGAL

(Formulaire de la loi sur la presse en Portugal)

OS SOCIALISTAS NA RÚSSIA

Estudando, no *Journal du Peuple*, os «problemas da Revolução russa», o escritor socialista Carlos Rappoport afirma que, se as condições técnicas do socialismo são deficientes na Rússia, em compensação não faltam ao vasto país condições humanas para «entrar na via socialista.» A Rússia é pobre em capitais e máquinas, em forças produtivas, mas é riquíssima quanto ao número e dedicação dos seus socialistas.

Segundo Rubakine, no seu livro *A Rússia em algarismos*, o comércio só ocupa ali 4 por cento da população (180 milhões de habitantes); mas negociantes propriamente ditos não há mais de 5 por mil pessoas, isto é, são tantos como os estrangeiros. O número dos cavalos-vapor é de 15 a 20 vezes menor do que o dos Estados Unidos e da Bélgica. Numa superfície igual a um sexto do globo terrestre há apenas 1.700 povoações com mais de 2.000 habitantes.

Isso quanto ao factor técnico. Quanto ao factor humano (cujo grau de consciência socialista não é, porém, avaliado), escreve Rappoport:

«As ideas socialistas estão muito espalhadas nos meios operários e camponeses russos. A burguesia e a própria nobreza deram gerações inteiras de socialistas. Os grandes escritores, os maiores pensadores da Rússia estão todos mais ou menos imbuidos de ideas socialistas. O russo é, na verdade, muito honesto, muito lógico, muito consequente no seu pensar: não se detém ante as consequências duma idea. Desde que rompeu com uma forma fundamen-

tal do regime que o oprime, combate-as tôdas, declara guerra ao regime inteiro. Reprimindo implacavelmente qualquer veiedade de opposição, com o cárcere, a tortura e a Sibéria, o tsarismo empurrava, aliás, os seus adversários para os braços da extrema esquerda.

«As duas primeiras Dumas viram mesmo padres socialistas ou socializantes. A Rússia socialista, revolucionária ou libertária teve à sua frente Miguel Bakunine, filho de embaixador, o príncipe Krapótkine, o conde Tolstoi, o coronel Pedro Lavroff, professor da Escola de Artilharia; Sofia Perovskaia, filha de governador, etc. Os primeiros inimigos implacáveis do tsarismo, os «decembristas», pertenciam ao alto exército.

«O socialismo é em todos os meios pregado e propagado por milhões de brochuras. Tôdas as escolas socialistas, a começar pela de Fourier, as duas internacionais e a Comuna, acharam múltiplo eco no imenso império dos tsares. Desde 1890, é Karl Marx que domina os espíritos socialistas. Em nenhum país, salvo a Alemanha foi a doutrina marxista tam abundantemente debatida e tam activamente propagada como na Rússia. Segundo o catálogo organizado por N. Rubakine e V. Burtzef, editaram-se no estrangeiro, de 1857 a 1905, mais de 2.000 livros e folhetos russos, na maior parte socialistas. De 1864 a 1905, não saíram menos de 1:200 obras das imprensas clandestinas estabelecidas na Rússia. Escusado será acrescentar que o encontro especial que se prende a tudo o que é vedado não fazia senão aumentar o número de leitores das brochuras e a sua influencia.

«Em 1905-1907, durante a primeira revolução, publicaram-se cerca de ses-

centa milhões de brochuras socialistas, sendo 24 milhões social-democráticas, outros 24 (digo: vinte e quatro milhões) socialistas revolucionárias, e oito a dez milhões anarquistas. Do *Programa de Erfurt*, de Karl Kautsky, espalharam-se pelo menos 300 mil exemplares, em 10 a 15 edições diversas. (A edição francesa de Rivière mal se vende). Venderam-se na Rússia pelo menos dez mil exemplares de *A mulher e o Socialismo*, de Bebel. As edições das obras de Karl Marx, Lassale, Bebel, Jaurés, Chichko, Pechekonoff, Plekhanoff, Tehernoff já não teem conta. A primeira edição da biografia de Júlio Guesde, por Carlos Rappoport, teve uma tiragem de 10:000 exemplares.

«Um pequeno livro de Rubakine: *Haveria terra bastante para todos se fosse equitativamente repartida?* teve cinquenta e uma edições, com uma tiragem global de meio milhão de exemplares.

«Pelos catálogos oficiais dos livros vedados vê-se que só quinze dos sessenta milhões de livros socialistas proibidos pelo governo foram apreendidos e destruídos. Os outros 45 milhões (digo quarenta e cinco milhões!) foram distribuídos entre a massa popular.

«Durante meio século, centenas de milhares de homens e mulheres, que passaram pelas prisões do tsarismo, divulgaram profusamente ideas socialistas.

Antes da guerra, Petrogrado, só por si, tinha dois diários socialistas. Após a revolução de Março de 1917, são às dezenas os diários que propagam o socialismo. O jornal de Lênine afirma ter uma tiragem de 400.000 exemplares, sendo em todo o caso de cem mil a sua tiragem ordinária. O jornal de Maximo Gorke e a imprensa dos *mensheviks* devem ter uma expansão equivalente. A maior parte das grandes revistas mensais ou hebdomadárias teem carácter socialista. O próprio partido cadete gaba-se de simpatias socialistas. Os seus melhores publicistas são marxistas e sociais-democratas da classe dos «adaptados». (Briand tem os seus discípulos até na Rússia).

«Será, pois, de admirar que haja tantos ministros de origem socialista?

«Acrescente-se a ausência de fanatismo proprietário em milhões de camponeses pertencentes à comunidade primitiva, o *mir*. E contam-se quarenta milhões de cooperadores!

«Não exagerámos, pois, dizendo que a Rússia realizou — ou quase — as condições humanas do socialismo. Nenhum país do mundo contém tantos socialistas. A segunda Duma tinha uma centena de socialistas de todos os matizes. A futura Constituinte bem pode ser que tenha uma maioria mais ou menos socialista. As eleições municipais das duas capitais, Petrogrado e Moscou, dando a maioria aos socialistas, são a tal respeito significativas.»

Postais Subversivos

É iniquo o contracto social. Indispensável se torna bani-lo. De que forma? Agindo incessantemente. Há criaturas humanas com fome? Estabelegamos a riqueza. De que forma? Bani-do o contracto citado. É cedo ainda? Não. E' tardissimo. Urge que nos mexamos todos, nós, os que temos cerebro e coração,

A vida é um inferno. Necessário é que seja um céu aberto, aquele céu que o gôso do patrimônio comum pode proporcionar-nos. Que demónio! Se a burguesia se rebola farta por nossa culpa, por que havemos de queixar-nos? Agir, eis tudo! Lutar, eis o remédio contra o mal. Por que não agir? Por que não lutar? Já alguma vez o despotismo triunfou da acção metódica dos reformadores? Lutar, agir! Eis tudo... Vamos. E que tomemos para nós o solene compromisso de vencer-mos!

Gonçalves CORRÊA.

O movimento operário

BOLETIM DA UNIÃO OPERÁRIA NACIONAL

Publicação mensal

Série de 12 números 500 réis

É uma publicação indispensável a todas as associações operárias e a todos os trabalhadores.

Redacção e administração

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA

O PROCESSO DE ANCONA EM 1898

Fala Pedro Gori (Conclusão)

Julgar-se há talvez que nos apanham em contradição, recordando-nos os actos de violência cometidos por anarquistas, como se, quando em anarquismo se fala, tivesse a mente que evocar logo bombas e punhais. Não posso seguir, no lento processo de exasperação física ou psíquica, esses vingadores, através das longas invernias sem pão, dos ócios forçados e exarcebadores, das perseguições implacáveis das polícias, até ao instante em que a alma, nativamente boa, se arremessa, na explosão dos longos sofrimentos comprimidos, ao acto trágico e sangrento. São as descargas eléctricas duma atmosfera social sobrecarregada de misérias, e não o produto duma doutrina, em vez de outra. E as consciências serenas devem curvar-se perante o irrevogável e cruel da Némesis histórica, na expectativa das auroras pacificadoras e não atizar novos odios com a perseguição das ideas e o encarceramento dos idealistas.

O que, porém, causa estranheza é que a sociedade burgueza, herdeira de tantas formas e instintos violentos das épocas guerreiras, tem ainda em alto apêço a escola da violência... é claro, quando esta não vai contra ela — o que traz logo à mente a moral daqueles papuas citados por Guilherme Ferrero, que respondiam a quem lhes perguntava o que é o bem e o mal:

— O bem é quando eu roubo a mulher a outro, e o mal é quando outro ma rouba a mim.

Tal é a moral burgueza. Em nome da ordem, manda um general fuzilar aldeãos famintos: não é uma violência segundo a moral ortodoxa. Mas venha um acto que prejudique os interesses, porventura as fraudes e rapinas dos ladrões enludados — ah! então, sim, é violência, ainda que se trate da resistência legal de grevistas.

¿E o militarismo, uma das grandes colunas do Estado burguês, que representa êle senão, na feliz expressão

de Tolstoi, uma forma de *banditismo organizado*? ¿E não crê deveras muita gente honesta que a ordem deve assentar sempre na boca das carabinas e na ponta das baionetas? Tanto assim que com o *mal da pedra*, como espiritualmente se chamou à mania de monumentalizar toda a gente, estão as ruas e praças de Itália atravancadas de estátuas a ilustres desconhecidos, só porque foram violentos da espada ou do canhão.

Ora, se a esta moral de violência se a toda essa cadeia de prepotências organizadas que se resumem na palavra de Estado, os socialistas anarquistas contrapõem a concepção dum consórcio humano em que os individuos associem as suas forças sem coacção externa, trabalhem e consumam em comum, e achem meio de se governar por si mesmos, administrando directamente os interesses próprios — chamaí, se quereis, utopia a este sonho scintilante, mas não estigmatizeis como malfeteiros os que o acalentam, por excessivo amor à dignidade e à liberdade humana.

... Mas os acusados, diz o M. P., incitavam ao ódio de classe, pois faziam o confronto entre a orgia dos ricos e a miséria dos trabalhadores. Mas se é crime consignar a verdade, para dela tirar conclusões sociológicas — condemnai então todos os noticiaristas, que, na friesa da narrativa cotidiana, registam a infinita tragédia desses operários que, tendo criado para os outros riqueza e bem-estar, morrem de fome ou a si próprios dão morte, porque a vida para eles é um inferno.

Encarcerai então todos os que, artistas, literatos, tendo compreendido a tristeza imensa deste vasto poema de dores e injustiças sociaes, dele ousam extrair, para as suas obras de arte, a alma e as íntimas vozes duma não distante revolta. Ou melhor ainda, rasgai o grande livro da vida, no qual todos sabem ler, mesmo em país de analfabetos; e em cujas páginas de todos os dias, de todas as horas, de todos os minutos, está escrito que a humanida-

de é ainda um ajuntamento de cúpidos lobos e de cordeiros destinados à toquia ou à matança; que uns tudo produzem com o seu trabalho e nada teem, e os outros nada fazem e tudo possuem. E se dizer estas verdades é delicto, condenai-nos a todos nós, que as dizemos e queremos dizê-las todos os dias, em voz alta, para que os adormecidos despertem e abram os olhos.

Diz o M. P. que os nossos amigos não são malfetores... mas sim delinquentes — e crê (bondade sua) que suavizou a expressão, embora fechando com o pedido de muitos anos de cadeia. São honestos, mas associam-se para delinquir. Querem abolir a propriedade (e aqui o M. P. largou-as grandes sobre o poderoso problema); mas, sendo inimigos da propriedade, respeitam (admite-o ele) a propriedade alheia, deixando que o furto legal ou ilegal, que não é senão uma espoliação reciproca da propriedade, para fins individuais, continue a ser como é, alma e motor da sociedade burguesa.

O que elles querem, como nós, é que a propriedade deixe de ser privilégio privado e se torne direito colectivo — e a sociedade inteira possua em comum todos os instrumentos de trabalho, os meios de troca e qualquer outra fonte de vida e de bem estar. Que tudo seja de todos — não é um sonho: é uma lei natural que foi escrita no grande código das coisas, desde que os homens nasceram todos com um ventre para se nutrir, um cérebro para pensar, um coração para amar.

E tem bem o direito de vos devolver a acusação de ataque à propriedade, no sentido do artigo 248 do Código Penal, quem como elles é integro. E oh! quanto melhor não fora que Adelmo Smorti fôsse o caixa de alguma das vossas instituições de crédito saqueadas — elle inimigo da propriedade — em vez de um desses incensados amigos da propriedade... dos outros!

E o M. P. ajunta: Vêde como são velhacos: da família não falam em seus escritos, porque... a querem destruir. Eis, pois, feito crime o que se não diz. E não se diz porque... porque não se pensa.

Ah! sois justamente vós, que com

os crueis pedidos de condenação tanta tortura causais às mães, às espôsas, aos filhos dos que ali se sentam, sois vós, precisamente, ó acusador da lei, que vêdes olhos lacrimosos fixarem daquela multidão o banco dos acusados — amplexos espirituais da dor entre elles e os seus queridos — sois justamente vós que dizeis que elles pretendem ver destruída a família!

Destruir o que hoje gangrena todos os affectos do coração, isso sim. Sim, querem destruir o interesse vulgar, que as mais das vezes faz do contrato matrimonial uma mercancia e uma forma de prostituição. Sim, querem purificar, redimir esta família, esta branda cadeia dos consanguíneos, dos íntimos, este círculo das sensações e dos suaves affectos que nos prende à grande família dos nossos semelhantes, à humanidade. Mas isso não é destruição: é regeneração.

E não havia de faltar tampouco a tirada patrioteira. Não se esqueceu dela o M. P., dizendo que os anarquistas não teem pátria. E' certo. Não teem pátria os trabalhadores de Itália, que depois de baldadamente se terem afadigado para a tornar um jardim, são desterrados pela miséria, e vão, errantes pelo mundo, em busca dum pão menos escasso e menor amargo. Não teem pátria, os nossos esqualidos emigrantes — ; Recordas-te, Errico Malatesta, de quantas vezes os encontramos no caminho do exílio? — que levam para outros países a inópia económica e moral, inoculada pelos governos, como uma maldição, no sangue dêste que pudera ser o mais forte e civilizado povo da terra.

E nós, pelo contrário, a êsses sem-pátria queremos restituir a terra que lhes foi roubada, os torrões sobre os quais suaram os seus pais por tantos anos, e cresceram as espigas para os ociosos. A êsses enganitados queremos nós devolver a pátria redimida, livre, feliz. Queremos devolvê-la, não já inimiga, mas irmã de tôdas as outras pátrias, igualmente remidas, aos seus filhos, aos seus trabalhadores irmanados. Eis porque ao fanatismo patriótico, amando embora o nosso país, substituímos o humanismo. E eis como o

nosso pensamento coincide com o de um magistrado, que, no seu livro *O fim da guerra*, assim se exprime: «¿Pois será possível que ainda não se tenha compreendido que o conceito de pátria é largo, quando comparado com o egoísmo individual da barbaria, mas torna-se mesquinho, quando comparado com o conceito de humanismo; que a pátria indica um desenvolvimento em face da barbaria, mas indica um raquitismo em face do humanismo; que portanto, assim como aquele que, tendo atingido o amor de pátria, considera uma vergonha fazer campanilismo de aldeia, assim também quem se sente possuído de humanismo tem vergonha de fazer patriotismo?»

Não será por certo o *cavaliere* Guida que há de poder traduzir, num depoimento, a delicada essência da moral anarquista, ante as instituições que ela pretende destruir e ao que ela aspira a purificar. Foi, aliás, ao reservatório das eternas idealidades que ela, como todas as grandes coisas, foi buscar as origens próprias. De modo que o evangélico: *não faças a outrem o que não quizeras que fosse feito a ti* — é completado pela moral activa do bem *faze aos outros o que quizerias que te fizessem*; e fecha o ciclo luminoso das máximas de solidariedade, o anarquista: *todos por um e cada um por todos*.

Tal é, meus senhores, a critica, a idealidade dos anarquistas. Reivindicamos o direito de fazer esta propaganda, em nome dessas mesmas liberdades, que tanto sangue custaram aos nossos pais e que defenderemos contra quem quer que seja, liberdades a que não queremos renunciar, porque as conquistas da civilização são imprescindíveis.

E sendo hoje propagandistas, nem por isso deixamos de ser revolucionários. E quando estamos naqueles bancos pelas nossas ideas, acusai-nos embora, mas considerai-nos como acusados políticos. Porque não vos deve esquecer que também vos sentais nesse banco pela força duma revolução: a da nacionalidade. Agora é a nossa vez, e não é caso para ter medo à palavra.

Na evolução lenta das ideas e dos organismos, quando está maduro o período da preparação, dá-se a crise mais ou menos violenta, conforme a resistência do que está destinado a desaparecer diante do que nasce, — e essa crise é a revolução. Manietai-lhe os precursores, fuzilai-lhe as sentinelas perdidas, queimai-lhe os livros anunciadores: nem por isso deixará de ser irrevogável, porque os furacões não se processam.

E nós, sem jactâncias, vendo o futuro avançar, corremos ao seu encontro. Mas não tenhais dúvidas: mesmo sem o nosso anelante ímpeto que percorre os tempos, o futuro há-de chegar. As revoluções teem a sua lógica — e sentiu o José Carducci, ao escrever nas *Polémicas satânicas*: «Conheceis ergo mais lógico do que o Dez de Agosto de 1792, e que melhor conclua a premissa do 14 de Julho de 1789? ¿E que organização contra as esperanças de Itália de Cesar Bálbo e as teorias dos moderados de 47 venceu em perspicuidade as 5 jornadas de Milão? ¿E que promessa houve no mundo mais vasta e terrível do que as jornadas de junho de 1848? As rebeliões certamente, não compõem tratados, mas com elles carregam as espingardas. Alguma das bolas que bateram na Bastilha deve ter sido calcada com uma bucha rasgada do *Contrato Social*. E na fuzilaria que retumbou pelas elegantes escadarias das Tulherias, havia porventura algum borrião da tua alma, o Diderot.»

Sr. Presidente, srs. juizes: Batem as horas, velozes, e acerca-se o vosso julgamento. Mas diante deste, vejo eu erguer-se, seja elle qual for, a irresistibilidade dos acontecimentos, perante os quais bem pequena coisa elle é. Só o M. P., que nos referia ter, há tempos, suado noite e dia, a mandar para a cadeia os famintos que manifestavam contra o encarecimento do pão, é que pode ter a ilusão de que isso é um bom remédio para dominar a fome — parecido nisso com aqueles homens de Estado que às barrigas vazias mandam dar pelos soldados pãezinhos... de chumbo. Com chumbo e cadeia não se resolvem os problemas perturbadores:

o que se faz é verter veneno nas chagas sangüentadas e abertas.

Deixai ao M. P., senhores juizes, esse daltonismo político, para o qual é possível a sufocação das nossas ideas, que jorram da densa realidade dos factos. Para destruir os factos teríeis que destruir o mundo. Não é, senhores, mediante um pacto de vileza que vos pedimos a absolvição dos nossos amigos. E' em nome da liberdade de pensamento, que já é tempo de se tornar realidade consagrada pelo facto, não pela palavra da lei; é em nome dêsses mesmos princípios pelos quais o Estado inaugurou em Itália a sua função nacional; é, não pelo pranto de suas mães e espósas, mas pela justiça da sua causa, pela honestidade da sua vida, pela pureza dos seus ideais.

Se absolverdes a vossa palavra será como o arco-iris — o símbolo biblico da aliança, palavra de pacificação. Continuará a luta, mas luta serena, não o ódio torvo entre os contendores. E no livre embate das ideas, avançará solene o porvir, vencendo as asprezas do momento. E nós, permanecendo embora revolucionários, aguardaremos que a verdade tenha iluminado as mentes e domado os corações.

Mas se vos declarais, não juizes dos factos, mas inquisidores do pensamento, se condenais, na orgulhosa pretensão de cortar o vño ás ideas e o passo aos acontecimentos, a vossa sentença ficará sendo uma imperceptível mas escura mancha desta época de transição, perante o tribunal dos séculos. E então vós, ó juizes, sereis também julgados. Porque, como também dizia Errico Malatesta, é tam vão como grotesco tentar violentar a filosofia da história.

(Uma fragorosa e demorada ovação do público coroa as últimas palavras do eloquentíssimo orador, que todos, incluindo os magistrados, acorrem a felicitar.)

~~~~~  
**A AURORA** Quinzenário anarquista  
 Redacção e administração, Rua do Sol, 131 — PORTO  
 À venda em todos os quiosques e tabacarias do país — Preço, 2 centavos.  
 ~~~~~

AS DUAS INTERNACIONAIS

A primeira Internacional nasceu em Londres, a 28 de Setembro de 1864, corporificando a idea do Manifesto dos Comunistas: *Proletários de todos os países, uni-vos!* — e proclamando esta grande verdade que lhe sobreviveu: *«a emancipação do operariado, deve ser obra do próprio operariado.»*

Causou grande medo á burguesia que desde a revolução de 1848, não cessou de tremer diante do proletariado, seu «coveiro» predestinado e fatal. Por toda a parte via a burguesia a mão misteriosa da Associação. Os «milhões da Internacional» perturbavam o sono dos capitalistas do mundo inteiro. No entanto, só dividas tinha, essa pseudo milionária. Afirmou-mo em Londres, em 1891, o próprio Frederico Engels, um dos seus fundadores.

Dizia-se, com razão, que a primeira Internacional foi «uma grande alma num pequeno corpo». As suas forças materiais foram, com efeito, insignificantes, imensa a sua força moral. Pela primeira vez na história, manifestou-se o proletariado como uma organização internacional. E disse ao velho mundo: Irmão, tens que morrer!

O velho mundo teve medo.

As luctas de ideas e de concepção não cessaram no seio da primeira Internacional. Apesar do seu génio e dos serviços que prestou, Karl Marx, no fundo, esteve na maioria.

A maioria era constituída pelos proudhonianos, bakuninistas e mutualistas. Enquanto Marx deixou andar a maioria, contentando-se com espalhar ali as suas ideas, conservou a Internacional a sua unidade, que só se fez quando elle quis precipitar as coisas e conquistar em luta declarada a maioria no Congresso da Haia, em 1872.

Disso morreu a primeira Internacional.

Mas resistiu gloriosamente a todos os assaltos da burguesia. Fez frente á tempestade de 1870-71. A guerra não a derribou. Em 1870, ditou a todas as suas secções o seu dever interna-

cional e foi obedecida. Os marxistas alemães deixaram-se arrastar para a prisão. Em pleno Reichstag e em plena guerra, Bebel aclamou a República francesa. Numerosas reuniões na Saxónia, em Hamburgo e na Prússia reclamaram a paz, protestando contra as anexações. Os franceses fizeram o 4 de Setembro e a Comuna.

A primeira Internacional não se desmoronou. Morreu antes de congestão anarquista, de excesso de fé na revolução próxima. Bakunine, êsse Promoteu da Revolução encadeado durante anos nos calabouços da fortaleza Pedro Paulo — onde os ministros do tsar meditavam actualmente sobre a fragilidade do despotismo — encorajou uma corrente inteira de empreiteiros de demolições sociais, que sinceramente julgavam a nossa sociedade em vésperas de queda. Marx conhecia-a demais para acreditar nisso. Foi fatal a scisão da Internacional — e a sua morte.

Nada mais natural e mais honroso em tudo isso!

*

A segunda Internacional nasceu em Paris, em 1889. Tinha bases sólidas, partidos nacionais que cresciam e se desenvolviam com rapidez. Não queria anarquistas, êsses desmancha-prazeres demasiadamente ruidosos da sociedade burguesa. Tinha medo de meter medo. Medida desde princípio na escola dos factos e êxitos positivos foi castrada de tôdas as ilusões. Mas faltou-lhe o entusiasmo. Possuía milhões — em capitais e em aderentes; mas esta verdadeira milionária não assustava tanto a burguesia como a primeira. Não tirou o sono aos capitalistas — nem aos socialistas.

Depois de se ter desembaraçado dos anarquistas, só tinha um «inimigo interno» a combater — os oportunistas, êsses saxões do socialismo, que nele se alpardaram para o aburguesar. Fingiu que os combatia. Mais: expulsou-os pelo portão dos congressos internacionais. Mas êles voltaram, mais numerosos do que nunca, pela escada de serviço — eleitoral. E os oportunistas acabaram por lhe vibrar o clássico golpe do Padre Francisco...

A segunda Internacional tinha juízo, muito juízo. Poupava as suas forças. Nunca desperdiçava. Se a primeira Internacional fazia de cigarra, a segunda tomou por modelo a formiga. Juntava prudentemente *stocks* enormes de eleitores e sócios cotizadores, com mira num futuro revolucionário distante, muito distante. Ninguém lhe sabia a data, nem o sítio.

Os seus melhores chefes — à frente dos quais o inolvidável Jaurès — tendiam a conciliar tudo, a reforma e a revolução, o nacionalismo e o internacionalismo, a democracia e o socialismo, o socialismo e o sindicalismo. Enquanto se esperava «a luta final», era só a boa cozinha republicano radical que na realidade se fazia. A medida que os radicais se iam tornando oportunistas, iam-se os socialistas fazendo republicanos radicais...

A segunda Internacional foi um grande corpo com pequenas ideias, justamente o contrário do que fôra a primeira.

Sobreveio a guerra mundial. Os «internacionalistas» alemães disseram, na sua maioria: «Primeiro que tudo, somos alemães!» Os maioritários ingleses responderam: «Primeiro que tudo, somos ingleses!» Em 4 de Agosto de 1914, os socialistas franceses foram *unânicos* para dizer: «Primeiro que tudo, somos franceses!»

Depois...

E a segunda Internacional fez-se, com grande júbilo das respectivas burguesias, viveiro de ministros, altos funcionários e agentes à Sudekum. Os «internacionalistas» da segunda são os melhores sargentos recrutadores para guerras nacionais, fins nacionais.

A segunda Internacional foi se. Não se finou de congestão revolucionária, como a primeira, mas de anemia oportunista. Recusamos chorar esta morte, ou antes, êste suicídio. Ela só teve o que merecia.

Carlos RAPPORORT.

Nota da Redacção. — Teríamos alguns reparos a fazer a certas passagens d'êste artigo. Mas tal qual é — depoimento dum socialista meio termo — é um documento precioso e merece bem ser publicado sem comentários.

PELA JOEIRA

O desinteresse

O deputado Sr. Costa Júnior está maguado e assombrado porque na Inglaterra ninguém acredita no desinteresse da intervenção portuguesa na guerra. Em vão este cándido patriota lhes afirmou, aos ingleses, com as lágrimas nos olhos, que Portugal entrou na contenda só para honrar os tratados e «assegurar o nosso império colonial»...

Mas... ¿isso chama-se agora «desinteresse»?

Pois nós supúnhamos que a conservação do «império colonial», com as relativas influências e vantagens, era um dos mais grossos pontos em litígio... Assim pensa também um imperialista francês, partidário duma «França maior», o Sr. Siger, o qual escrevia, em Janeiro de 1916, no *Mercure de France*:

«Estas ambições (da Alemanha) chocam naturalmente com os direitos e interesses adquiridos das outras potências, dos *beati possidentis*, e, é claro, da Inglaterra. O pan-germanismo excita o imperialismo inglês. Franceses, estorvados na sua penetração, chamada pacífica, de Marrocos; belgas, ameaçados no Congo pelas antenas do tratado franco-alemão de 4 de Novembro de 1911; ingleses, inquietos por Kiao-Tcheo diante de Wei-Hai-Wai, pela via férrea Homs-Bagodad, que alveja o Golfo Pérsico, e pelo território alemão da África Oriental, que corta a comunicação directa entre o Cabo e o Egipto; portugueses a quem se quer apropriar a sua Angola e o seu Moçambique... todos esses antigos colonizadores tremem ante o apetite voraz dos que chegaram tarde para a partilha.»

Liberdade dos povos

Independência dos povos, direito dos mesmos a disporem de si, guerra pela

liberdade, pela democracia...

Isto, porém, não se aplica às colónias, ao «império de além-mar», ao «património colonial», cujos povos, ainda menores e incapazes de se governar, devem continuar sujeitos à autoridade paternal... que não tem pressa de os emancipar, nem de os habilitar a isso.

Os civilizados poderiam favorecer pacificamente, no interesse de todos, a evolução natural dos povos atrasados, mandando-lhes simplesmente instrumentos de trabalho, produtos, professores, lições, exemplos práticos, conhecimentos técnicos...

Mas parece que isso não pode ser. E vai daí a recente conferência socialista interaliada de Londres descobriu uma solução transitória, para as colónias da África tropical: — o seu agrupamento num só Estado africano «independente», administrado por uma comissão internacional, permanentemente neutralizado, e de porta aberta para o comércio e produtos de todos os países.

Contra este projecto, porém, protestou indignadamente a delegação portuguesa. ¿Em nome da democracia, do socialismo, da independência dos povos? Não, senhor! Foi para defender o que é «nosso», a «herança dos nossos maiores», a nossa propriedade...

Para regalo dos leitores e a título de curiosidade, havemos de reproduzir o que a respeito da exploração dum domínio colonial por parte dum pequeno povo sem recursos materiais pensava um jornalista agora muito estimado por cá — Gustavo Hervé. E então não estava em discussão o projecto de Londres: apenas se confrontava a posse de colónias por um grande Estado, poderoso e rico, com o domínio das mesmas por um pequeno país, fraco e pobre...

Ele há cada «socialista»!

Argumentos... de dois gumes

O deputado Sr. Costa Júnior pergunta, aflito: Se perdêssemos as colónias, ¿em que situação ficariam os funcionários que nelas vivem? ¿E que desastre tremendo não seria isso para o nosso comércio?

Se é só por isso, então é para todo o sempre impossível a menor reforma a valer, porque não há nenhuma que não mexa com os interesses criados da burocracia, duma determinada categoria de pessoas, dum ramo qualquer do comércio ou da indústria.

Mas nós conhecemos pessoas, que não precisam de ser socialistas nem revolucionários para — justamente por aquelas mesmíssimas razões! — afirmar a inutilidade e nocividade das colónias.

As colónias favorecem a burocracia, desenvolvem a queda para o funcionalismo, para a empregomania, afastam do trabalho útil e produtivo, despovoam as escolas técnicas e industriais, proporcionam acesso rápido à preguiça nacional e ao comodismo burocrático.

E, no mesmo sentido, mantem a rotina do comércio e da indústria, perpetuam as velhas formas de produzir «para preto», de comerciar e exportar, com boa protecção, para as colónias. Toda a exportação portuguesa, mesmo para países livres, se ressentido disso.

Em dias do mês p. p., «a coluna de Tete, depois da ocupação de Macassa, seguiu em direcção da Gorongosa, rasiando povoações e perseguindo os rebeldes durante três dias, apreendendo 725 bois, 45 pontas de marfim e uma espingarda».

Mais, p'rá ónião

«Paris, 12. — O tribunal condenou seis anarquistas que andavam distribuindo manifestos pacifistas e libertários. As penas variam entre quatro meses e dois anos de prisão. O impres-

sor foi condenado a 3:000 francos de multa com custas e selos».

Na guerra pela civilização e liberdade dos povos, a história registará vossos feitos, ó gentes da união sagrada!

Ramada

Num Centro republicano, disse: «Em presença da posição que hoje ocupam os trabalhadores, as democracias tem de estar no caminho da revolução social colectiva».

E nós a julgamos que, em presença da posição (e orientação) que hoje ocupam as democracias, os trabalhadores tem de estar no caminho da revolução social, embora isso muito pese a todos os bem esportulados parlamentares camaradas dos Ramadinhas.

Curto

Ele, disse-nos também que «todos se devem unir para a defesa da felicidade comum, e quem assim não entender que fique para trás».

A qual felicidade, para este e todos os politiquinhos, consiste em que os menos felizes, os miseráveis, caíam em eleger quem se ofereça para lhes tratar dos interesses próprios.

Em verdade é quem delega quem fica para trás.

Ainda êle

O Ramada Curto — que significa acanhado, mesquinho, etc. — impingiu-nos ainda isto de permeio: «É que nós em vez de dar-mos forças ao Estado nas nossas associações de classe e nos comícios bem orientados, temos gasto o nosso tempo, etc.»

É claro que não inumerou nem se arriscou a perguntar aos sem camisa, sem casa e sem pão, quais e quantos benefícios teem recebido directa ou indirectamente do Estado. Agora, então, com a bela oportunidade, é que ele devia fazer a pergunta...

Para desopilar

Entre politico e comerciante:
— Quanto custo esta albarda?
— Por ser para si, custa apenas dois escudos!

SEVERIDADES

Scena imitada da peça do mesmo título

Leon Trapie e Paul Louis Garnier

Personagens { Alberto, de 10 anos.
Joaquim, de 11 anos.

SCENA

Um vestibulo vulgar ou casa de entrada

SCENA ÚNICA

Alberto e Joaquim

Momentos antes de subir o pano ouvem-se palavras de ameaça, proferidas com voz colérica, tais como: «Maldito!» «Tratante!» «Pois apanhas a receita!» «Não há mas nem meio mas.» «O que eu digo é que se deve fazer!» «Rua! Rua!»

Quando o pano sobe ainda se ouve, dentro, as seguintes frases: «Desta vez está acabado!»

Alberto (*De bibe de chita, botas e peugas, calção. Cara macilenta. Ao subir o pano, está a D. B., choroso, de olhar, aflito, na direcção da porta do fundo, por onde parece ter saído alguém*). Foi-se! Acabou-se! (*Limpando as lágrimas ao bibe*). Não me perdoou!

Joaquim (*Fato pobre, calças rôtas e com remendos, descalço. Cara macilenta. Está a E. A., atemorizado, olhando igualmente para a porta do fundo. Descendo*). — Não lhe disse nada!...

Alberto (*Desalentado*). — E pude dizer-lhe alguma coisa?!... Era capaz de me... (*Gesto de pancada*). Agora, já sabes; ficas no meu lugar...

Joaquim (*Receoso e incrédulo*). — Isso não pode ser.

Alberto — Ouviste muito bem o que o meu papá disse...

Joaquim — Pois sim, mas eu é que não estou para isso.

Alberto — Não viste como estava zangado?

Joaquim — Não tem tão má cara...

Alberto — As vezes... (*Pausa*). O certo é que ficas no meu lugar.

Joaquim (*Duvidoso e protestando*) — Eu?

Alberto — Então que estás aqui a fazer?

Joaquim — É por causa do pataco que me devem pelo embrulho que trouxe da estação.

Alberto — Bem vês: se o meu papá se foi embora sem te pagar... é porque ficas sendo da casa.

Joaquim (*Sem compreender e teimoso*) — Mas eu é que não quero...

Alberto — Já te disse: ficas! Tens de ficar no meu lugar; o meu papá é que quer... (*Comovido*) Eu... é que me vou embora... Tem que ser... Puzeram-me na rua... É o mesmo que se faz às criadas. Olha: quando a mamã não está contente com a criada, vai ter com ela e diz-lhe: «Não me convens, procura outra casa. Pega na trouxa; vai-te embora». Sabes o que quer isto dizer? Que a põem na rua, que a despedem. É o que me fazem... Não convenho... mandam-me embora... Com a diferença: que nem uma trouxa tenho para levar. (*Depois de ter vencido a comoção*). E tu ficas...

Joaquim (*Teimoso*) — Então não me dão?

Alberto — O quê?

Joaquim — O meu pataco!

Alberto — Já se sabe que não... E que tem? Quem me dera não ter patacos e... ficar como tu.

Joaquim (*Zangado e só pensando no pataco*) — Deixá-lo! O que eu quero é o meu pataco.

Alberto — Não tens outro remédio: O que o meu papá diz é que é... Uma vez deitei uns papéis no fogão... O papá disse que eu quisera deitar fogo à casa... Pegou em mim... pôs-me ali fora, na estrada, e só me abriu a porta depois do jantar.

Joaquim — E não jantou?

Alberto — Nesse dia só tive sopa...

Joaquim — E na estrada, que fez?

Alberto (*Encolhendo os ombros*) — Nada. Esperei.

Joaquim — Já vejo que o seu pai não é lá muito bom...

Alberto — Olha! Ele diz sempre: (*Com modos rispídios*) «Eu não gosto de repetir as coisas... É ouvir e obedecer logo...» Se esperas, fazes mal... O meu papá está muito zangado... e... quando vier já aqui não devo estar...

(*Comovido*) Mandou-me embora!...

Joaquim — Mas foi a sério?

Alberto — O papá não brinca... Bem viste: não me perdoou. Se me tornasse a vêr...

Joaquim — Que acontecia?

Alberto (*Chamando a atenção de Joaquim para que apure os ouvidos*) — Uma vez o meu papá disse que despedissem a criada imediatamente. A tarde ainda cá a encontrou. Fez aí um tal barulho, zangou-se tanto, que a mamã ficou doente dois dias... Até chegou a partir uma bengala igual à que êle levava lá pouco. Tanto bateu com ela pelas paredes e pelos móveis!

Joaquim — Oh!

Alberto — Estávamos todos com medo... Imagina agora o que êle faria se me visse cá outra vez!

Joaquim — Talvez quebrasse a outra bengala...

Alberto — Não sei; mas a mamã tornava a cair doente, com certeza... (*Comovido*). E isso é o bastante para me ir embora. (*Pausa*).

Joaquim — A sua mãe costuma estar doente muitas vezes?

Alberto — Bastantes. As zangas do papá é que a põem doente. Fica muito triste, aborrecida... Está sempre a dizer: «Faria o maior sacrifício só para não fazer zangar o teu papá». E é verdade. (*Pausa*). Portanto... como êle é quem manda não tenho outro remédio: vou-me embora. Se não fosse, o que por aí iria... A mamã é que pagava... (*Joaquim olha Alberto como que admirado. Pausa. Transição de Alberto*). Já que ficas no meu lugar, vou ensinar o que deves fazer.

Joaquim — Mas eu é que não...

Alberto (*Interrompendo-o*) — Ouve! vem cá! (*Pega na mão de Joaquim, condú-lo à porta da direita alta, apontando para dentro*). Vês? E a casa de jantar. (*Enérgico*). Nunca lá deves entrar sósinho... O chão é encerado... Toma cautela! não arrastes os pés... ficariam sinais. (*Como recordando-se*). O papá quer que se esteja à mesa com muito propósito... Nunca pegas mais. Se quiseses repetir, dão-te um pouco de molho e a mamã diz-te: «Toma! molha pão!» (*Pausa*). Muitas vezes, já todos teem acabado de comer e ainda

se fica à espera do papá. Êle repete sempre de tudo e demora muito...

(*Pausa*). Mas não te torças na cadeira, não estendas o pescoço para vêr qualquer coisa; não olhes para o papá quando come... A mamã diz logo: «Parece que nunca o viste!» Deves mostrar-te distraído, olhares sómente para as moscas, para o talher ou para o prato. Quando muito, para o jarro da água... Era assim que fazias em tua casa?

Joaquim — Isso sim!... Põem-me diante de mim uma tijela cheinha de sopa, e não pensam mais no Joaquim.

Alberto — Pois como vês, cá em casa é diferente. (*Pausa*). Ouve! (*Conduz Joaquim à porta da D. B. e aponta para dentro*). A porta grande, aquela, é a da sala... Não tens lá nada que fazer. Para ti é como se não existisse. Só lá entrarás quando ouver visitas e mesmo assim é preciso que te chamem. Vais lavar então as mãos, limpas muito bem os pés no capacho, tomas uns ares de delicadeza e finges-te muito contente...

Joaquim — Para que serve a sala!

Alberto — Ora! Para as visitas... Lembra-te bem: cuidado com os pés, por causa do tapete. Se falarem de ti finge que não ouves. Volta assim a cabeça. (*Executa*). Agora vem cá. (*Leva Joaquim ao F. apontando para dentro*). Ao fim dêste corredor é a cozinha. Só podes lá entrar de manhã, para engraxares as botas. Um dia pões graxa, no outro, cospes. Graxa dois dias a seguir, não; em dias de chuva, podes ralar-te a cuspir e a esfregar que não consegues nada. (*Pausa — Desce*). Quando estiveres na cozinha não deves falar com a criada. A mamã não quer. (*Imitando-a*). «Se o menino se meter no seu serviço, ponha-o fora da cozinha!» (*Confidencial*). Mas nem por isso deixes de falar. Logo que sentires passos: zêta, zêta, zêta (*gesto de quem puxa lustro a botas*). E a criada começa logo a assoprar o fogão!... Verás!... As criadas gostam muito de conversar. Quando estava cá a Amélia sabia sempre o que era o jantar e... se havia farófias...

(*Continua*).

HISTÓRIA ANEDÓTICA DO TRABALHO

Um velho romano

O regime dos escravos II
Era naturalmente nos campos que trabalhavam os escravos dum amo tão cuidador das velhas tradições e tam fiel aos costumes antigos. Que precisão tinha elle, na verdade, desses servos inúmeros que preveniam então todos os desejos e caprichos dos elegantes senhores? Tirar o melhor partido possível dos seus bens — homens ou terras; exigir dos escravos muito trabalho, dar-lhes apenas os cuidados estrictamente necessários, eis em que condições lhe parecia vantajoso ter um bando servil.

— Escolhe primeiro um bom intendente (dizia o velho ao filho), um escravo inteligente, sôbrio, dócil e honesto, sempre atarefado com os serviços, o primeiro a levantar-se o último a deitar-se. Dá-lhe uma boa mulher, que saiba arranjar a casa, preparar as refeições de todos e vigiar as provisões; sobretudo que não seja tagarela nem vá mexericar para casa das vizinhas.

«Depois recomenda-lhe bêm que dê exactamente a ração do pão fixada para os escravos e preparar como deve ser o vinho que lhes convêm para o inverno. Que deite num barril dez ânforas de vinho doce, duas ânforas de vinagre bem picante e outro tanto vinho fervido com cinchenta ânforas de água doce; que mecha bem a mistura com um pau, três vezes por dia durante cinco dias; que lhe adicione por fim sessenta e quatro quartilhos de água de mar velha, e terá o vinho que convêm aos escravos. Quanto à sua alimentação, sustenta-os de azeitonas caídas ou daquelas que te pareçam não dar muito azeite. Dá-lhes de dois em dois anos uma túnica sem mangas, mas quando lha deres, não te esqueças de lhes pedir a usada. Dá-lhes também, cada dois anos, bons tamanços guarnecidos de tachas de ferro.

Não admitas perdas de tempo nem mandriice. Os escravos teem que estar sempre a trabalhar. Nos dias de festas sagradas, quando os padres proibem

o trabalho dos bois, manda-lhes limpar as latrinas, calceatar o caminho, cortar as silvas, sachar a horta, mondar os prados, arrancar os espinheiros, moer o trigo, lavar os depósitos. Há sempre que fazer numa quinta. E para os escravos basta essa festa das Saturnais, na qual, durante oito dias, lhes é dado o direito de se divertirem a imitar os amos.

«Assim, meu filho (concluía o duro e prático proprietário), é que tu terás em condições os teus bens».

Não se contentava, aliás, com esta cruel avareza. Se um escravo tinha pretendido fugir, encerrava-o numa prisão úmida contígua à granja. Depois acorrentava-lhe os pés, e os grilhões nunca mais o largavam, nem de noite na cela em que dormiam todos, nem de dia, nas vinhas ou trigais.

Tinham sido pelo contrário sempre dóceis e trabalhadores? Consentia então que se casassem, que constituíssem família; mas como o escravo era verdadeiramente propriedade sua, coisa sua, que lhe devia render sempre, fazia-lhes pagar esta licença em bom metal soante, e o pecúlio que elles tinham conseguido amealhar grão a grão, tirando-o da boca, matando se a trabalhar, ou às vezes exercendo um officio na cidade, assim ia ter também à algibeira do amo.

Por fim, depois de se ter enriquecido com tôdas as fadigas deles, depois de lhes ter esgotado o vigor com o duro trabalho que lhes impunha, quando elles, velhos e alquebrados, para mais nada serviam já e se tornava para elle improduttiva a própria despesa do seu magro sustento, Catão vendia-os sem piedade, como quem vende a baixo preço velhos utensilios enferrujados.

O juizo do bom Plutarco Muitos anos depois, no segundo século da era crista, um sábio grego chamado Plutarco, ao escrever a vida deste velho Catão, não podia abster-se de deplorar a rudeza deste homem.

— Que como se pode admitir, dizia elle, que de homem para homem não haja laços de consideração, senão na medida em que nm pode tirar do outro proveito e utilidade? Pois não sus-

tentamos nós tantas vezes os cavalos gastos e alquebrados de fadiga a nosso serviço, ou os cães que conosco envelheceram? E' acaso justo proceder com seres que tem vida e sentimento como procederíamos com um sapato, deitando-os fora quando deixam de nos servir? Quanto a mim, concluía o bom filósofo, nunca me atreveria a vender um boi que me tivesse por muito tempo arado as terras, só porque a velhice o impedisse de continuar a trabalhar: quanto mais um escravo que eu havia assim de expulsar, por assim dizer da sua terra, do lugar onde por longos anos houvesse sido mantido, onde tivesse por longos anos trabalhado, e isso por um pouco de dinheiro que eu dole pudesse tirar...

Havia talvez, de Plutarco para Catão, a diferença que há entre um bom homem e um homem de negócios, diferença que existiu sempre. Mas havia também a dum romano da velha época para um contemporâneo dos primeiros cristãos.

Reflexões. — Esta narrativa é composta de passagens extraídas da «Vida de Catão» por Plutarco e da obra escrita pelo próprio Catão «Sobre a agricultura». Pareceu-nos própria para mostrar a vida do escravo, no momento em que os romanos conservavam ainda alguns hábitos da vida antiga, mas eram já grandes traficantes.

Catão, particularmente, celebra os velhos costumes romanos, sobretudo para se opôr aos hábitos de moleza dados pela imitação dos gregos. Vive sóbria e rudemente, mas já está longe da condição do romano primitivo: é um grosso homem de negocios.

Convém insistir neste ponto: a família servil — isto é, o grupo de escravos que Catão tem em volta de si — não se assemelha à família de Ulisses. Há por certo alguns laços entre êle e os escravos: para prova, o caso que referimos de sua mulher dando de mamar aos bebês dos escravos. Mas já não é a vida em comum, a colaboração para o sustento da família, como vimos na «Odisséia». Catão quer ganhar dinheiro.

Roma acentua sobretudo o carácter da propriedade do escravo. Não o maltrata sistematicamente. O escravo não é ali, como é em Esparta, um inimigo publico a aterrorizar. E' principalmente uma propriedade que o dono não tem interesse em destruir ou depreciar. E' preciso, porém, que a propriedade renda; e os agrónomos romanos tratam de saber, como Catão, de que modo é que ela mais rende. Se isso se pôde obter sem que o proprietario seja cruel, este não o será.

Alberto THOMAS.

TROVAS SOCIAIS

XII

O SALARIATO

Maldito o salariato,
Do progresso o vil travão,
Máscara civilisada
Encobrinndo a escravidão.

Dois terços da sociedade,
São vis máquinas humanas,
A mercê de mãos profanas
Da balôfa ociosidade;
A ganância e a vaidade,
A luxúria e o mandato,
São causa do desacato,
Que me fazem revoltar
E bem alto voic'rar
Maldito o salariato.

A antiga escravatura
Talvez fosse preferida,
Era ao menos garantida
A alimentação futura.
Mas na actual conjuntura
O senhor, nosso patrão,
Tem-nos fechados na mão,
Devido ao triste salário,
Que só é para o operário
Do progresso o vil travão.

Tôda essa grande riqueza,
Que se vê no mundo inteiro,
Foi tirada pelo obreiro
Do seio da natureza;
Mas a cínica avareza
Dos que não produzem nada,
Com manha premeditada
P'ra firmar seu pedestal,
Inventou o capital
Máscara civilisada.

Os industriais ricos,
Com a máquina e o vapor,
Obrigam o produtor
A baratear seus braços.
Semelhantes embaraços
Entravam a produção,
Devido à exploração
Trazida pelo dinheiro,
Grande sofisma embusteiro
Encobrinndo a escravidão.

P. F.

UTILIDADES PARA TODOS

Calendário de Novembro

Domingo.....	-	4	11	18	25	-
Segunda feira..	-	5	12	19	26	-
Terça feira....	-	6	13	20	27	-
Quarta feira...-	-	7	14	21	28	-
Quinta feira...-	1	8	15	22	29	-
Sexta feira....-	2	9	16	23	30	-
Sábado.....	3	10	17	24	-	-

Fases da lua

A lua durante o mês terá as seguintes fases:

Quarto minguante — Dia 6, às 17 h. e 3 m.

Lua nova — Dia 14, às 18 h. e 28 m.

Quarto crescente — Dia 21, às 22 h. e 29 m.

Lua cheia — Dia 28, às 18 h. e 41 m.

Agricultura e Horticultura

Para o que os agricultores e hortelões devem fazer durante o mês de Novembro, veja-se o n.º 11 de *A Sementeira*, correspondente ao mesmo mês do ano anterior.

Generalidades (Continuação). — 1.º As plantas de raízes perpendiculares devem ser estrumadas e regadas perto da haste, e as mais, num raio maior.

2.º Pode cultivar-se ao mesmo tempo duas plantas, trigo e alfafa por exemplo, cujas raízes se alimentam em camadas vegetais diferentes.

3.º Nos afolhamentos das terras, deve fazer-se suceder uma planta de raiz perpendicular a uma planta de raiz fasciculada, e reciprocamente.

4.º A beira das estradas plantar-se há olmos, cuja raiz é perpendicular,

de preferência a álamos, cujas raízes não tardariam em ir procurar as culturas vizinhas.

5.º Sachar-se há as plantas e sobretudo as árvores de tempos a tempos, para refrescá-las e provocar o desenvolvimento de novos espongíolos.

6.º Cortar-se há as raízes das árvores em viveiro, para desenvolver as radículas que tornarão mais fácil a transplantação.

(Continúa).

Higiene e medicina

80. *Prisão de ventre.* — Segundo um vegetariano, contra a prisão de ventre come-se uma maçã de manhã em jejum; ao levantar, e outra à noite, ao deitar. Em vez de maçã, pode ser uma laranja ou qualquer outra fruta fresca, madura, sumarenta, da estação. Quem puder, além disto de manhã e à noite dar um passeio a passo descansado de meia a uma hora ou mesmo mais, de cada vez. E quem puder plante no seu quintal madeiras e outras árvores frutíferas, cuide delas pessoalmente, sachando e regando a terra, podando e limpando a árvore, evite bebidas alcoólicas, reduza o seu consumo de carne, peixe, chá, café, tabaco, vinho, sal, pimenta, vinagre, colorau, etc., etc., ou não gaste nada disso, alimentando-se de farinhas, hortaliças e frutas, e verá a sua saúde entrar no seu corpo e a alegria na sua alma.

81. *Um penso muito simples.* — Há uma maneira muito simples de fazer curativo a uma ferida, por mais grave que seja. Queima-se o algodão ou pano e aplicam-se as cinzas na ferida. O fogo, que tudo purifica, põe o algodão livre de micróbios, e ao mesmo tempo a ferida é completamente isolada do contacto do ar.

82. *Dôres de cabeça.* — Para tirar estas dôres, dissolve-se em água tres pedaços de ácido cítrico, do tamanho duma ervilha, e bebe-se. Esta solução é agradável e tem o gosto a limonada.

Em menos de uma hora tira as dôres de cabeça por mais fortes que sejam.

Veja-se também a receita n.º 6, pág. 29.

83. *Sangue pelo nariz.* — Para o estancar, o remédio é fácil e conhecido de muitos; como, porém, o não é de todos eis a receita: — Basta conservar levantado pelo tempo necessário, o braço do lado oposto ao da venta por onde corre o sangue.

Artes e Indústrias

87. *Papel transparente.* — Com uma boneca de algodão embebida em benzina muito pura, esfrega-se ligeiramente o papel que se quer tornar transparente. Desta maneira pode decalcar-se o desenho a lapis, pena ou pastel. Pouco depois evapora-se a benzina e o papel volta a recuperar a opacidade.

88. *Temperar objectos delicados de aço.* — Os relojoeiros e outros artistas tem dificuldade em temperar as peças delicadas de aço pelo risco de lhes alterar as formas em razão da mudança violenta de temperatura quando as peças em braza são mergulhadas em água fria. Remedeia-se este inconveniente colocando a peça a temperar sobre um bocado de madeira de pinheiro e mergulhando-a assim em água.

Obtem-se igual resultado se a tempera se fizer numa dissolução de 30 gramas de goma arábica por 1000 de água.

Várias

77. *Moscas na carne.* — Para evitar que as moscas pousem na carne colocam-se sobre ela rodélas de cebola crua. O cheiro acre do bolbo afugenta os insectos.

78. *Conservação das batatas.* — Deita-se uma camada de cinza ou de areia no fundo de uma caixa e colocam-se em cima as batatas embrulhadas em papel de seda. Nova camada de areia ou cinza e mais batatas, etc.

É conveniente escolher as batatas ainda meias verdes.

Veja-se também a receita n.º 1, pág. 14.

79. *Evitar a traça.* — Entre os vários sistemas empregados, como a naftalina e a pimenta, etc., está esquecido um que se usava muito antigamente e que é infalível, tendo a vantagem de não produzir o cheiro repugnante da naftalina, ou o incomodo causado pela pimenta, que só é útil nestes casos em grande quantidade.

O sistema consiste em salpicar levemente a roupa ou as peles com barrilha, ou introduzir entre as dobras e pregas um pouco desta substância, o que além de acabar com a traça, comunica à roupa um cheiro agradável e pouco forte.

Culinária

74. *Sopa de beldroegas.* — Escolhem-se as beldroegas sem semente, tem-se já frito em bom azeite, cebola picadinha, um dente de alho, uns pós de pimenta, refogam-se as beldroegas, em estando refogadas deita-se água para cozerem e depois os ovos ou queijos frescos, servem-se com umas fatias de pão por baixo.

75. *Dobrada com arroz.* — Depois de devidamente escaldada e lavada, põe-se a dobrada a cozer em água temperada com sal. Faz-se um refogado à parte com cebola picada, banha de porco e salsa picada, cõa-se, junta-se-lhe a dobrada cozida e cortada em bocadinhos; acrescenta-se-lhe água fervente, bastante para cozer arroz. Em estando semi-enxuto serve-se.

76. *Dôce de nozes verdes.* — Colher as nozes, quando ainda se possam atravessar de lado a lado com um alfinete. Descascá-las, pôlas a branquear em água a ferver e deixá-las depois em água fria durante 48 horas. Ao fim deste tempo retirá-las da água e deitá-las num xarope ou calda de açúcar que se faz do modo ordinário, isto é, pondo a reduzir, ao lume, açúcar que se dissolveu numa pouca de água (um copo para cada quilo).

Auxílio À SEMENTEIRA

Para ajudar a manter a existência desta publicação, recebemos de bons e dedicados camaradas mais as seguintes quantias:

Amareleja — M. C. Baleiro	\$26
Lisboa — C. Pates	\$26
Loulé — M. N. Alcaria	\$26
Mortágua — A. R. Maças	\$10
” — J. H. Nunes	\$26
” — M. A. Pereira	\$05
New Bedford (América) — F. Pinto	\$23
Soma	1\$42

COISAS DISPERSAS

A todos os nossos correspondentes e agentes pedimos que se esforcem o mais possível por liquidar todos os meses os exemplares vendidos.

A carestia cada vez mais crescente do papel, como de tudo o indispensável, exige de todos nós o maior esforço possível para nos ajudarem a manter a regularidade da publicação de **A Sementeira**. Como será sempre motivo de satisfação para todos que as nossas publicações vivam da propaganda e se mantenham para a propaganda, e como **A Sementeira** não tem outros recursos que não sejam os que dedicados camaradas lhes possam dispensar, para todos apelamos, esperanças em que velarão pela existência deste modesto porta-voz das nossas ideas e das nossas aspirações.

Aos nossos assinantes de fora de Portugal pedimos para que renovem as suas assinaturas, atendendo a que não nos é fácil proceder à sua cobrança pelo correio.

Para auxiliar o trabalho de propaganda, enviaremos *Brochuras* à escolha, entre as por nós anunciadas, grátis e no valor de 40 centavos, a todos os camaradas que nos enviem a importância de 10 novas assinaturas para **A Sementeira**.

Os Bastidores das Guerras por Krapotkine. 100 exemplares, 2\$10 — 1 exemplar, 3 centavos.

BROCHURAS DE PROPAGANDA

	Centavos
C. G. T. O dia de oito horas	2
Costa Acção directa e acção legal	3
Delais Os financeiros, os políticos e a guerra	5
Delessalle A Confederação do Trabalho	3
Dias Semeando para colher	2
Gori A Anarquia perante os tribunais	5
Krapotkine Os bastidores da guerra	3
” O governo revolucionário	2
” Um seculo de expectativa	5
Landauer A Social Democracia na Alemanha	2
Libertas O rei e o anarquista	3
Malatesta Em tempo de eleições	2
” A politica parlamentar no movimento socialista	2
Mella Aos camponeses	2
Prat A burguesia e o proletariado	4
Silva Teatro livre e arte social	5
Um de nós A Canalha	15

A SEMENTEIRA — os 3 primeiros anos, 292 paginas de sociologia, biografias e 35 fotografuras de revolucionários, em bom papel couché. 1\$50

4.º ano e até ao ultimo número publicado, 16 números, 128 paginas de sociologia, biografia, gravuras, etc. 30

Algeria à obra de Ferrer, em papel couché 10

FOTOGRAVURAS (em papel couché), de Bakunine, Berthelot, Cafiero, Curie, Darwin, Faure, Ferreira, Ferrer, Gori, Grave, Hamon, Lorenzo, Mirbeau, Morris, Pelloutier, Proudhon, Reclus, Spiridinoff, Stepniak, Sudermann, Tolstoi, Zola e Jornada de 28 de Maio de 1871 — cada 2

Satisfazem-se todos os pedidos de publicações quando acompanhados das respectivas importâncias. Os pedidos de, pelo menos, 100 exemplares, editados pela nossa Biblioteca, terão 30 por cento de desconto.

A SEMENTEIRA

(2.ª Série)

AVULSO, 2 CENTAVOS
POR ASSINATURA

Em Portugal, um ano

Noutros países, um ano

As assinaturas devem ser pagas adiantadamente. Quando tiverem de ser mandadas cobrar pelo Correio, teremos que lhe aumentar a despesa a fazer com a cobrança. Toda a correspondência deve ser dirigida à

Administração d'«A Sementeira»

CAIS DO SODRÉ, N.º 88
LISBOA — PORTUGAL